

TEXTOS

angola

COLEÇÃO POLÍTICA

N.º 2

PREÇO: 2\$50



MAO TSÉ - TUNG

- **Maior Preocupação com a vida das Massas e maior Atenção aos Métodos de Trabalho**
- **Contra o Liberalismo**
- **De Onde Vêm as Ideias Correctas**

MAIOR PREOCUPAÇÃO COM A VIDA DAS MASSAS E MAIOR ATENÇÃO AOS MÉTODOS DE TRABALHO

O presente texto constitui uma parte das conclusões apresentadas pelo camarada Mão Tsé-tung ao II Congresso Nacional dos Delegados dos Operários e Camponeses, realizado em Jueiquin, província de Quiansi, em 27 de Janeiro de 1934.

Comissão do Comité Central do Partido Comunista da China para a Edição das Obras Escolhidas de Mao Tsé-tung

Vou-me debruçar especialmente sobre duas questões que não mereceram, ao longo dos debates, a devida atenção da parte dos camaradas.

A primeira é a que diz respeito às condições de vida das massas.

A nossa tarefa essencial no momento presente, consiste em mobilizar as grandes massas populares para que participem na guerra, a fim de derrotar o imperialismo e o Kuomintang pela guerra revolucionária, alargar a revolução a todo o país e expulsar os imperialistas da China. Todo aquele que subestima esta tarefa fundamental não é um bom militante revolucionário. Se os nossos camaradas compreendem realmente esta tarefa, e se se apercebem da necessidade de, custe o que custar, estender a revolução a todo o país, então não podemos, de maneira alguma, descuidar ou substituir o problema dos interesses vitais e das

condições de vida das grandes massas. Assim sucede porque a guerra revolucionária é uma guerra de massas; ela só pode realizar-se mobilizando-se as massas e apoiando-se nelas.

Poderemos alcançar o nosso objectivo, que é derrotar o inimigo, se nada mais fizermos além da simples mobilização das massas para realizar a guerra? É evidente que não. Se desejamos vencer, temos que fazer muito mais. Devemos: dirigir os camponeses na sua luta pela conquista da terra e distribuir-lhes a terra; incrementar o entusiasmo dos camponeses pelo trabalho e aumentar a produção agrícola; defender os interesses dos operários; criar cooperativas; desenvolver o comércio exterior; resolver questões tais como assegurar as massas o vestuário, a alimentação, o alojamento, o fornecimento dos artigos de primeira necessidade como a lenha, o arroz, o óleo e o sal; resolver os problemas relativos à saúde, à higiene e os problemas relacionados com o matrimónio. Em suma todas as questões práticas da vida quotidiana das massas populares devem ser objecto da nossa atenção. Se dispensarmos atenção a tais problemas, se os resolvermos e satisfizermos as necessidades das massas populares, converter-nos-emos em autênticos organizadores da vida do povo, as massas agrupar-se-ão verdadeiramente em torno de nós e nos apoiarão com todo o seu calor. Podemos então, camaradas, levar as massas à guerra revolucionária? Claro que podemos.

Entre os nossos militantes, há casos dos que se preocupavam exclusivamente com o aumento dos efectivos do Exército Vermelho, com o aumento dos destacamentos de transporte, com a cobrança da taxa sobre a terra e com o alargamento da prática da venda de títulos de dívida pública. Eles não se interessavam pelos restantes problemas, negligenciavam-nos e chegavam mesmo ao ponto de não se ocuparem absolutamente nada deles. Durante algum tempo, o Concelho Municipal de Tindjou, por exemplo, só se ocupou do aumento dos efectivos do Exército Vermelho e da mobilização de pessoas para os destacamentos de transporte sem se interessar, o mínimo que fosse, pelas questões do bem-estar das

massas populares. A dada altura, faltou todavia combustível à população de Tindjou; ela não podia comprar sal, o qual era sonegado pelos capitalistas; parte da população não dispunha de alojamento onde pudesse abrigar-se; o arroz escasseava na cidade e o seu custo era elevado. Tais eram os problemas da vida prática que se punham à população de Tindjou, problemas para cuja solução as massas depositavam grandes esperanças em nós. Porém, o Concelho Municipal de Tindjou nem sequer se ocupou desses problemas. Consequentemente, após a reeleição dos deputados para a Assembleia dos Operários e Camponeses de Tindjou, mais de cem renunciaram, ao cabo de pouco tempo, a assistir às sessões, uma vez que a maior parte delas se dedicava somente às questões do aumento dos efectivos do Exército Vermelho e da mobilização de pessoal para os destacamentos de transporte, e não se prestava a menor atenção às condições de vida das massas. Por esta razão, a convocação das sessões da Assembleia acabou por tornar-se impraticável. Precisamente por isso, foram tão insignificantes ali os resultados do trabalho para o aumento dos efectivos do Exército Vermelho e para a mobilização de pessoal destinado aos destacamentos de transporte. Eis aqui um tipo de situação.

Camaradas, leram certamente o folheto sobre as duas circunscrições exemplares que vos foi distribuído. Nele, o panorama descrito é inteiramente distinto do que acabamos de focar. Quão importantes contribuições não deram ao Exército Vermelho a circunscrição de Tchancam¹, da província de Quiansi, e a circunscrição de Tsaici², da província de Fuquien! Na circunscrição de Tchancam, 80% da juventude e dos homens e mulheres em idade madura ingressou nas fileiras do Exército Vermelho e, na circunscrição de Tsaici, 88%. A venda de títulos de dívida pública alcançou igualmente um grande sucesso, tendo sido arrecadados 4.500 iuens em Tchancam, circunscrição que dispõe de uma população de 1.500 habitantes. Obtiveram-se também muito bons resultados noutros sectores do trabalho. Como explicar pois tal situação? Alguns exemplos far-nos-ão compreendê-la. Quando um incêndio destruiu um quar-

to e parte de outro da casa de um camponês pobre da circunscrição de Tchancam, as autoridades locais efectuaram uma colecta entre a população para acudir ao infelizmente. Três habitantes que não dispunham de meios de subsistência foram imediatamente socorridos com arroz, recolhido pelas autoridades e pela Associação de Ajuda Mútua. Em virtude da insuficiência de cereais no Verão do ano passado, as autoridades de Tchancam fizeram vir arroz do distrito de Cuom-lue³, situado a mais de 100 quilómetros, e prestaram auxílio às populações. Diligências semelhantes foram igualmente realizadas com sucesso na circunscrição de Tsaici. Tais autoridades são efectivamente exemplares. Os seus métodos de direcção são radicalmente diferentes dos métodos burocráticos do Concelho Municipal de Tindjou. Nós devemos aprender com as autoridades das circunscrições de Tchancam e de Tsaici e lutar contra uma direcção burocrática como a de Tindjou!

Recomendo seriamente ao Congresso que se debruce sobre os problemas do bem-estar das massas populares, da terra e do trabalho, do abastecimento de combustíveis, arroz, óleo e sal. Eis que as mulheres querem aprender a lavar e a gradar a terra. A quem devem elas pedir os ensinamentos? As crianças querem estudar. Teriam sido já criadas escolas para elas? A ponte de madeira, ali à frente, é tão estreita que oferece o risco de a todo o momento cair-se dela para dentro da água. Não será já tempo de a reconstruir? Muitas pessoas padecem de diversas enfermidades e de feridas. Como curá-las? Todos esses problemas relativos ao bem-estar das massas devem ser inscritos na nossa ordem do dia. É necessário discutí-los, adoptar decisões que lhes digam respeito, pô-las em prática e comprovar a sua execução. É preciso fazer compreender às massas que nós representamos os seus interesses, que a nossa vida e a sua são uma única e mesma coisa. É preciso fazer com que, a partir disso, as massas compreendam as tarefas ainda mais elevadas que nós nos propusemos — as da guerra revolucionária — para que apoiem a revolução, a estendam a todo o país, façam suas as nossas palavras de

ordem políticas e lutem até à vitória final da revolução. A população da circunscrição de Tchancam diz: «O Partido Comunista é realmente muito bom pois preocupa-se com tudo quanto se relacione com o nosso bem-estar». Os nossos camaradas da circunscrição exemplar de Tchancam são um modelo que todos devemos seguir. Que magníficos camaradas! Eles souberam conquistar o amor sincero das grandes massas populares e o seu apelo à mobilização de pessoal para tomar parte na guerra encontra o apoio das massas. Queremos nós conquistar o apoio das massas populares? Queremos que elas consagrem à Frente todas as suas forças? Se sim, é necessário viver em comunhão com as massas, estimular o seu entusiasmo e iniciativa, interessar-se profundamente pelas questões do seu bem-estar, servir os seus interesses com toda a seriedade e sinceridade e resolver todos os seus problemas de produção e de existência, quais os do sal, do arroz, da habitação, do vestuário, da protecção da maternidade, ou seja, em resumo, todos os problemas da vida diária das massas populares. Se assim procedermos, o seu apoio e a revolução passará a ser para elas uma questão vital e será o seu mais glorioso estandarte. No caso do Kuomintang atacar as áreas dominadas pelo Exército Vermelho, elas dar-lhe-ão luta decisiva, até ao sacrifício das próprias vidas. Isto é indubitável. Não teríamos com efeito liquidado a primeira, a segunda, a terceira e a quarta campanha de «cerco e aniquilamento» do inimigo?

O Kuomintang recorre actualmente à tática dos blocauses⁴, construindo «conchas de tartaruga» em larga escala, e pensa, ao fazer isso, estar edificando muralhas de ferro. Mas, camaradas, serão essas paredes realmente muralhas? De maneira nenhuma. Vejamos, por exemplo: não será que se mantiveram solidamente, durante milénios, os baluartes das fortalezas e os palácios dos imperadores feudais? Todavia, com a sublevação das massas populares, muralhas e palácios caíram uns atrás dos outros. O Czar da Rússia era um dos governantes mais cruéis do mundo. O que é que restou todavia dele, quando se levantaram os proletários e os camponeses em

revolução? Absolutamente nada. O que é que foi feito das suas muralhas indestrutíveis? Foram desmoronadas. Qual é, camaradas, a verdadeira muralha de ferro? São as massas, os milhões e milhões de homens que genuína e sinceramente apoiam a revolução. Essa é a verdadeira muralha de ferro que nenhuma força pode em caso algum romper. A contra-revolução não pode esmagar-nos; pelo contrário, somos nós quem pode esmagá-la. Unidos milhões e milhões de homens em torno do governo revolucionário, e desenvolvendo a guerra revolucionária, nós liquidaremos a contra-revolução e ganharemos toda a China.

A segunda questão é a que se refere aos métodos de trabalho.

Nós somos, simultaneamente, dirigentes e organizadores da guerra revolucionária e da vida das massas. A organização da guerra revolucionária e o melhoramento das condições de vida das massas são as nossas duas grandes tarefas. É justamente aqui que o problema dos métodos de trabalho se nos apresenta com toda a sua gravidade. Cumpre-nos não só fixar tarefas, mas também resolver a questão dos métodos que permitam a sua execução. Se a nossa tarefa consistir em atravessar um rio, não a poderemos consumir se não dispusermos nem de ponte nem de barco. Sem resolver o problema da ponte ou do barco, é vão falar em travessia. É inútil falar no cumprimento da tarefa, enquanto não for resolvido o problema do método. Se não dispusermos a devida atenção na direcção dos trabalhos destinados ao aumento dos efectivos do Exército Vermelho, e não nos preocuparmos com os métodos a empregar para tal efeito, ainda que repetamos mil vezes «É preciso alargar o Exército Vermelho», não conseguiremos, de modo algum, alcançar os nossos fins. Na realização de qualquer outra tarefa, quer se trate do controle dos lotes de terra, da edificação económica, da edificação da cultura ou da educação, ou do nosso trabalho nas regiões novas e nas regiões fronteiriças, seja, genericamente falando, em todo o trabalho, se nós não fizermos senão fixar tarefas, sem pensar nos métodos próprios para a sua execução, sem lutar contra os

métodos burocráticos de trabalho nem adoptar métodos práticos e concretos, sem rejeitar o método de autoritarismo nem adoptar o método de persuasão paciente, seremos então incapazes de levar avante qualquer delas.

Os nossos camaradas do distrito de Sincuo efectuaram ali um trabalho de importância primordial e, por isso, merecem que nós os distingamos como trabalhadores exemplares. Os camaradas do nordeste da província de Quiansi fizeram também um trabalho importante, de maneira criadora, e merecem igualmente que os qualifiquemos de trabalhadores exemplares. Camaradas tais como os do distrito de Sincuo e do nordeste da província de Quiansi, ligaram a vida das massas à guerra revolucionária e resolveram, simultaneamente, o problema dos métodos e o das tarefas do trabalho revolucionário. Eles trabalham conscienciosamente, solucionam os problemas com um minucioso cuidado e assumem, como se impõe, as suas responsabilidades para com a revolução; eles são organizadores e dirigentes notáveis da guerra revolucionária e, ao mesmo tempo, organizadores e dirigentes notáveis da vida das massas. Os nossos camaradas doutras paragens realizaram também progressos no seu trabalho e merecem a nossa distinção. Tais são os casos de algumas localidades dos distritos de Chan-ham, Tchantim, Iontim, etc., da província da Fuquien; de Siquiam e outras regiões do sul da província de Quiansi; de algumas regiões dos distritos de Tcholim, Ionsin e Qui-an, da região fronteiriça de Hunan-Quiansi; de algumas regiões do distrito de Iansin, da região fronteiriça de Hunan-Hupeí-Quiansi; e, também, dos sub-distritos e circunscrições de um grande número de distritos da província de Quiansi e do distrito de Jueiquin, o qual está directamente subordinado ao Governo Central.

Em todas as partes do território sob a nossa administração existe, indubitavelmente, um grande número de quadros plenos de actividade, excelentes camaradas originários das massas. Estes camaradas têm a responsabilidade de ajudar a melhorar os nossos trabalhos, lá onde estes apre-

sentam fraquezas, e de ajudar os camaradas que não se encontram ainda aptos a realizar devidamente as suas tarefas. Estamos envolvidos numa grande guerra revolucionária; devemos aniquilar a campanha de «cerco e aniquilamento» empreendida em larga escala pelo inimigo, e alargar a revolução ao conjunto do país. Uma responsabilidade enorme impede sobre todos os militantes revolucionários. Depois do presente Congresso, devemos adoptar medidas adequadas para o melhoramento do nosso trabalho, as regiões de vanguarda devem continuar a progredir e as regiões retardatárias devem recuperar o seu atraso em relação às primeiras. Precisamos de criar milhares de circunscrições como a de Tchancam e dezenas de distritos como o de Sincuo. Estas serão as nossas posições sólidas. É delas que partiremos para desbaratar as campanhas de «cerco e aniquilamento» do inimigo e derrubar a dominação do imperialismo e do Kuomintang em toda a China.

NOTAS

1) Circunscrição do distrito de Sincuo, província de Quiansi.

2) Circunscrição do distrito de Chan-han, província de Fuquien.

3) Um dos distritos da região de Quiansi, dominada pelo Exército Vermelho, que tinha por centro a vila de Tuncu, situado no sudeste do distrito de Qui-an. Foi-lhe atribuído o nome do camarada Huam Cuom-lue, comandante do 3.º Corpo do Exército Vermelho, que aí perdeu a vida, em Outubro de 1931.

4) Em Julho de 1933, no decurso da conferência militar realizada em Monte Lu, província de Quiansi, Tchiang Kai-chek tomou a decisão de aplicar na sua quinta campanha de «cerco e aniquilamento» uma nova tática militar, a da construção de blocausses em redor das regiões dominadas pelo Exército Vermelho. Estima-se em cerca de 2.900 o número de blocausses construídos na província de Quiansi, até ao fim de Janeiro de 1934. Esta tática de Tchiang Kai-chek foi mais tarde retomada pelos invasores japoneses, na sua luta contra o VIII Exército e o Novo IV Exército.

A estratégia da guerra popular elaborada pelo camarada Mao Tsé-tung mostra que é possível alcançar a vitória contra a tática de blocausses, utilizada pelas forças contra-revolucionárias — o que foi, aliás suficientemente provado pelo ulterior desenrolar dos acontecimentos.

O Kuomintang era uma organização reaccionária, faca do imperialismo.

CONTRA O LIBERALISMO

(7 de Setembro de 1937)

Somos pela luta ideológica activa porque é uma arma para se atingir a unidade interna do Partido e das demais organizações revolucionárias em benefício do nosso combate. Cada membro do Partido Comunista, cada revolucionário, deve empunhar essa arma.

O liberalismo, porém, rejeita a luta ideológica e preconiza uma harmonia sem princípios, o que dá lugar a um estilo decadente, filisteu, e provoca a degeneração política de certas entidades e indivíduos, no Partido e nas outras organizações revolucionárias.

O liberalismo manifesta-se sob diversas formas:

Constatamos que alguém está a agir mal, mas, como se trata de um velho conhecido, de um conterrâneo, de um condiscípulo, de um amigo íntimo, de uma pessoa querida, de um antigo colega ou subordinado, não nos empenhamos numa discussão, de princípios e deixamos as coisas correr, preocupados em manter a paz e a boa amizade. Ou então, para mantermos a boa harmonia, não fazemos mais do que a críticas ligeiras, em vez de irmos ao fundo dos problemas. O resultado é prejudicar-se tanto a colectividade como o indivíduo. Essa é uma primeira forma de liberalismo.

Em privado, entregamo-nos a críticas irresponsáveis, em vez de fazermos activamente sugestões à organização. Nada dizemos de frente às pessoas, mas falamos muito pelas costas; calamo-nos nas reuniões e, falamos a torto e a direito fora delas. Desprezamos os princípios da vida colectiva e deixamo-nos levar pelas inclinações pessoais. É uma segunda forma de liberalismo.

Desinteressamo-nos completamente por tudo o que não nos afecta pessoalmente; mesmo quando temos plena consciência de que algo não vai bem, falamos disso o menos possível; deixamo-nos ficar sabia-

mente na defensiva e temos como única preocupação não ser apanhados em falta. É uma terceira forma de liberalismo.

Não obedecemos a ordens, colocamos as nossas opiniões pessoais acima de tudo. Não esperamos senão atenções por parte da organização, e desagradamos a disciplina desta. Eis uma quarta forma de liberalismo.

Em vez de refutar e combater as opiniões erradas, no interesse da união, do progresso e da boa realização do trabalho, entregamo-nos a ataques pessoais, buscamos questões, desafogamos o nosso ressentimento e procuramos vingar-nos. Eis uma quinta forma de liberalismo.

Escutamos opiniões erradas sem levantarmos uma objecção e deixamos até passar sem as rebater expressões contra-revolucionárias, ouvindo-as passivamente como se de nada se tratasse. É uma sexta forma de liberalismo.

Quando nos encontramos entre as massas, não fazemos propaganda nem agitação, não usamos da palavra, não investigamos, não fazemos perguntas, não tomamos a peito a sorte do povo e ficamos indiferentes, esquecendo-nos de que somos comunistas e comportando-nos como um cidadão qualquer. É uma sétima forma de liberalismo.

Vemos que alguém comete actos prejudiciais aos interesses das massas e não nos indignamos, não o aconselhamos nem obstatos à sua acção, não tentamos esclarecê-lo sobre o que faz, e deixamo-lo seguir. Essa é uma oitava forma de liberalismo.

Não trabalhamos seriamente, mas apenas para cumprir formalidades, sem plano e sem orientação determinada, vegetamos — «enquanto for sacristão, contentar-me-ei com o tocar os sinos». Essa é uma nona forma de liberalismo.

Julgamos ter prestado grandes serviços à revolução e damo-nos ares de veteranos; somos incapazes de fazer grandes coisas mas desdenhamos as tarefas pequenas; relaxamo-nos no trabalho e no estudo. Eis uma décima forma de liberalismo.

Cometemos erros, damo-nos conta deles mas não queremos corrigi-los, dando assim uma prova de liberalismo com relação a nós próprios. Eis a décima primeira forma de liberalismo.

Poderiam citar-se ainda outros exemplos, mas os onze acima indicados são os principais.

Todos eles constituem manifestações de liberalismo.

O liberalismo é extremamente prejudicial nas colectividades revolucionárias. É um corrosivo que mina a unidade, afrouxa a coesão, engendra a passividade e provoca dissensões. Priva as fileiras revolucionárias duma organização sólida e duma disciplina rigorosa, impede a aplicação integral da linha política e separa as organizações do Partido das massas populares colocadas sob a direcção deste. É uma tendência extremamente perniciosa.

A origem do liberalismo está no egoísmo da pequena burguesia sequiosa de lucro que põe em primeiro lugar os seus interesses pessoais, relegando para segundo plano os interesses da revolução. Nela têm origem o liberalismo ideológico, político e organizativo.

Os liberais consideram os princípios do Marxismo como dogmas abstractos. Aprovam o Marxismo mas não estão dispostos a pô-lo em prática, ou a pô-lo integralmente em prática; não estão dispostos a substituir o liberalismo pelo Marxismo. Armam-se tanto dum como doutro: falam de Marxismo mas praticam liberalismo; aplicam o primeiro aos outros e o segundo a si próprios. Levam os dois na bagagem e encontram uma aplicação distinta para cada um. É assim que pensam certos indivíduos.

O liberalismo é uma manifestação do oportunismo e está em contradição absoluta com o Marxismo. O liberalismo é a passividade. Objectivamente, serve o inimigo. É por essa razão que o inimigo se regozija quando o conservamos nas nossas fileiras. Tal é a natureza do liberalismo. Não deve pois haver lugar para ele nas fileiras da revolução.

Penetrados do espírito activo do Marxismo devemos vencer a passividade do liberalismo. Um comunista deve ser aberto, franco, fiel e activo, colocar os interesses da revolução acima da sua própria vida e subordinar os interesses pessoais aos interesses da revolução. Em todos os momentos, seja onde for que se encontre, ele deve ater-se aos princípios justos travar uma luta sem tréguas contra todas as ideias e acções erradas, de modo a consolidar a vida colectiva do Partido e reforçar os laços existentes entre este e as massas; um comunista deve preocupar-se mais com o partido e as massas do que com os seus interesses pessoais, e atender mais aos outros do que a si próprio. Só quem actua assim pode ser considerado comunista.

Todos os verdadeiros comunistas, fieis, sinceros, integros e activos devem unir-se para lutar contra as tendências liberais de certos membros do Partido e conseguir chamá-los ao bom caminho. Essa é uma das nossas tarefas na frente ideológica.

De onde vêm as ideias correctas (Maio de 1963)

NOTA DO EDITOR

O presente artigo é um extracto de «Decisões do Comité Central do Partido Comunista da China sobre alguns problemas do actual trabalho rural» (projecto), documento elaborado sob a presidência do camarada Mao Tsé-tung, a quem se deve, aliás, a redacção do referido extracto.

A tradução actual foi feita segundo a edição chinesa de *Textos Escolhidos de Obras de Mao Tsé-tung (Série A)* (Edições do Povo, Pequim. Abril de 1965).

De onde vêm as ideias correctas? Acaso caem do céu? Não. Serão porventura inatas? Não. Elas não podem vir senão da prática social, de três tipos de prática social: a luta pela produção, a luta de classes e a experimentação cien-

tífica. A existência social dos homens determina o seu pensamento. Uma vez dominadas pelas massas, as ideias correctas que caracterizam a classe avançada tornam-se numa força material, capaz de transformar a sociedade e o mundo. Empenhados em diversas lutas no decorrer da sua prática social, os homens adquirem uma rica experiência, extraída tanto dos seus êxitos como dos seus fracassos. Os incontáveis fenómenos do mundo exterior objectivo reflectem-se no cérebro humano através dos cinco órgãos dos sentidos — vista, ouvidos, olfacto, gosto e tacto; assim se constitui, no início, o conhecimento sensível. Quando esses dados sensíveis se acumulam suficientemente, produz-se um salto pelo qual eles se transformam em conhecimento racional, quer dizer, em ideias. Eis aí um processo no conhecimento. Trata-se da primeira etapa do processo global do conhecimento, a etapa que vai da matéria objectiva ao espírito subjectivo, da existência às ideias. Nessa etapa, ainda não fica provado se o espírito ou o pensamento (incluindo as teorias, a política, os planos e as medidas) reflectem correctamente as leis do mundo exterior objectivo; ainda não é possível determinar se eles são correctos ou não. Em seguida vem a segunda etapa do processo do conhecimento, a etapa que vai do espírito à matéria, do pensamento à existência, e onde se aplica na prática social o conhecimento adquirido durante a primeira etapa, para ver se essas teorias, políticas, planos, medidas, etc., produzem ou não os resultados esperados. Em geral, aquilo que obtém bom resultado é correcto, e o que fracassa é incorrecto, principalmente se se trata da luta dos homens contra a natureza. Na luta social, as forças que representam a classe avançada registam por vezes fracassos, não porque elas tenham ideias falsas, mas sim porque, na correlação de forças em luta, elas são temporariamente menos poderosas do que as forças da reacção. Assim, elas fracassam temporariamente, mas, tarde ou cedo, acabam por triunfar. Através da prova da prática, o conhecimento humano dá um novo salto que é duma significação ainda maior que o anterior. Com efeito, só esse salto permite provar se o primeiro é ou não acer-

tado, quer dizer, só ele permite assegurar se as ideias, teorias, política, planos, medidas, etc., elaborados ao longo do processo de reflexão do mundo exterior objectivo, são correctos ou incorrectos. Não há outro meio de fazer a prova da verdade. O único propósito do proletariado ao conhecer o mundo é transformar o próprio mundo; não há qualquer outro objectivo para além disso. Frequentemente, para se chegar a um conhecimento correcto, torna-se necessário repetir muitas vezes o processo que vai da matéria ao espírito e do espírito à matéria, quer dizer, da prática ao conhecimento e do conhecimento à prática. Tal é a teoria marxista do conhecimento, a teoria materialista dialéctica do conhecimento. Contudo, muitos dos nossos camaradas não compreendem ainda essa teoria do conhecimento. Quando se lhes pergunta qual é a origem das suas ideias, opiniões, política,

métodos, planos e conclusões, discursos eloquentes e longos artigos, eles estranham a pergunta e não podem dar-lhe uma resposta. Eles tão-pouco compreendem que a matéria possa transformar-se em consciência e a consciência em matéria, muito embora tais saltos sejam um fenómeno da vida de todos os dias. Assim, é necessário instruir os nossos camaradas a respeito da teoria materialista dialéctica do conhecimento, de forma a que eles possam orientar correctamente o seu pensamento, saibam investigar, estudar e fazer um balanço das suas experiências, vençam as dificuldades, cometam menos erros, realizem melhor o seu trabalho, lutem arduamente para transformar a China num grande e poderoso país socialista e ajudem as grandes massas de oprimidos e explorados do mundo, cumprindo assim o alto dever internacionalista que nos incumbe.

de certos membros do Partido Comunista...
que os camaradas do Partido Comunista...
de certos membros do Partido Comunista...
que os camaradas do Partido Comunista...

Do onde vêm as ideias correctas
(Maio de 1963)

NOTA DO EDITOR
O presente artigo é um extracto de um discurso
de Mao Tse-tung no Partido Comunista da China
durante a sua visita ao Reino Unido em 1960.
O discurso foi publicado no jornal "People's Daily"
em Pequim, a 15 de Maio de 1963.
A tradução para o português é de autoria
do Partido Comunista da China.
Agradecemos ao Partido Comunista da China
a autorização para a publicação deste artigo.
O Partido Comunista da China é o partido
do povo chinês e do povo de todo o mundo.
O Partido Comunista da China é o partido
do socialismo e do comunismo.
O Partido Comunista da China é o partido
do proletariado e do povo trabalhador.
O Partido Comunista da China é o partido
do mundo inteiro.